

PÓS-VERDADE E EDUCAÇÃO: Construindo agenciamentos conceituais

POST-TRUTH AND EDUCATION: Building conceptual arrangements

Welber Lima Santos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5689-896X>

RESUMO

Propõe-se aqui uma discussão inicial a respeito de uma sociedade imersa no que se tem chamado de pós-verdade apresentando inclusive conceitos necessários que tentam definir o termo, como também, fazendo a distinção entre pós-verdade e fake news. Com a intenção de ser didático, o artigo apresenta 3 características fundamentais da pós-verdade (Negacionismo, autoverdade e relativismo) na tentativa de introduzir este debate no campo educacional especificamente. Para tanto, estabelece uma discussão com os autores D'Ancona(2018), Kakutani(2018) e Keyes(2018), este último representando um dos primeiros autores a notabilizar o debate sobre pós-verdade tanto no mundo acadêmico e/ou em outros espaços de discussões como nos meios de comunicação. Em seguida, na busca de produzir agenciamento conceitual, se propõe, antes, em definir este conceito fundante que produz conexões conceituais significando toda discussão do texto. Estas conexões conceituais partem de autores como Freire(2017), Quijano(2009), Wash(2017), Nascimento(2008), Lermas(2017) e Dussel(2018) que discutem sobre processos decoloniais, educação e contemporaneidade cabendo ao artigo o condão de estabelecer estes fio condutores do debate dando-lhe significação contextual. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica através das leituras e análises dos textos propostos na disciplina Estudos avançados de Educação e contemporaneidade além da investigação sistemática de outras leituras complementares.

Palavras-chave: Pós-verdade. Educação. Contemporaneidade.

ABSTRACT

It is proposed here an initial discussion about a society immersed in what has been called post-truth, presenting necessary concepts that attempt to define the term, as well as distinguishing between post-truth and fake news. With the intention of being didactic, the article presents three fundamental characteristics of post-truth (denialism, self-truth, and relativism) in an attempt to introduce this debate specifically into the educational field. To this end, it establishes a dialogue with the authors D'Ancona (2018), Kakutani (2018), and Keyes (2018), the latter being one of the first authors to highlight the debate on post-truth both in the academic world and/or in other spaces of discussion such as the media. Subsequently, in the pursuit of producing conceptual assemblage, the article first proposes to define this foundational concept, which produces conceptual connections

¹Doutorando em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – PPGEduc/UNEB. E-mail: welberpedagogo@gmail.com.

that give meaning to the entire discussion of the text. These conceptual connections draw upon authors such as Freire (2017), Quijano (2009), Wash (2017), Nascimento (2008), Lermas (2017), and Dussel (2018), who discuss decolonial processes, education, and contemporaneity, thus allowing the article to weave the guiding threads of the debate and provide contextual meaning. The methodology employed was bibliographic research through the reading and analysis of the texts proposed in the course Advanced Studies in Education and Contemporaneity, in addition to a systematic investigation of other complementary readings.

Keywords: Post-truth. Education. Contemporaneity.

1. INTRODUÇÃO

O artigo é um desdobramento das atividades da disciplina Estudos avançados de Educação e contemporaneidade, componente curricular do doutorado do programa Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB) oferecido pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), turma 2022.1. A disciplina foi ministrada pela professora doutora Tania Hetkowski e o professor doutor Antônio Dias. Esta, se estruturou em criar as condições para reflexões, leituras, debates, discussões e assim montou a proposição de sistematizarmos todo este contexto a partir de nossos objetos de pesquisa estabelecendo conexões tanto com as leituras próprias da disciplina, mas também com nossas produções e leituras individuais.

A disciplina foi estruturada a partir de leituras coletivas de 10 obras (artigos, capítulos de livros) que foram estudadas, discutidas em sala de aula e individualmente cada doutorando assumiu o compromisso de elaborar um “sinal de leitura”. Este instrumento consiste na escrita de texto livre onde o estudante vai organizando suas implicações, interpretações e dúvidas sobre o texto lido. Estes sinais de leitura foram socializados em pequenas equipes em sala de aula oferecendo condições objetivas e subjetivas para o enriquecimento das discussões quando da socialização das mais variadas interpretações visto que, inclusive, a turma é composta por uma diversidade de alunos oriundos de formações distintas o que contribuiu de forma acentuada na ampliação dos debates.

Ademais, foram indicadas 12 obras completas onde cada grupo de 3 alunos escolheu uma delas para sua leitura, sistematização, reflexão e apresentação num processo de coletivização do conhecimento. Ao todo, nos estruturamos a partir de 22 obras no semestre 2022.1. Importante destacar que

a convergência central das discussões girara a partir de algumas temáticas: contemporaneidade, decolonialidade e educação.

Neste contexto, tendo como objeto de minha pesquisa compreender a relação existente ou as implicações entre a pós-verdade, *fake News* e formação docente, faço um recorte neste trabalho na intenção primeira de tentar conceituar a pós-verdade apresentando suas principais características, em seguida, o texto apresenta o conceito de agenciamento para finalmente produzi-lo através de um diálogo com as leituras realizadas na disciplina estabelecendo conexões diretas com processos educativos.

O primeiro tópico se concentra em trazer os conceitos sobre o que significa pós-verdade contextualizando historicamente a trajetória de utilização do termo. Apresentamos situações em que esta sociedade dita de pós-verdade se apresenta no cotidiano, muitas vezes ou, na maioria das vezes, sem a devida consciência evidenciando a naturalização ou o excesso de relativização de tudo. Embora não seja foco deste artigo, o debate sobre *fake News*, julgamos ser importante fazer uma distinção com a pós-verdade na tentativa de esclarecimento conceitual. Conclui o tópico demonstrando a amplitude do debate, sua atualidade e a necessidade de produzir conexões com outras temáticas apenas aparentemente distintas desta discussão.

Apresenta, em seguida, o conceito de agenciamento a partir de Deleuze e Guatarri(1996) ao tempo que produz esse agenciamento de conceitos e reflexões apresentados relacionando-os inicialmente com alguns processos de educação. Neste sentido, apresenta os perigos que corre os processos educativos diante da pós-verdade e suas dificuldades em arquitetar trincheiras epistemológicas de enfrentamento.

Em seguida, o texto aborda a diversidade de autores e temáticas que, embora não promovam a discussão a partir do conceito de pós-verdade, estão intrinsecamente implicados e este é o foco da discussão. De que forma uma educação emancipadora, debates sobre decolonialidade, feminismo e contemporaneidade se relacionam com as discussões sobre pós-verdade? Onde a diversidade de ações de resistência e insurgência diante do modelo capitalista colonial se coadunam em processos de pôr em cheque a pós-verdade subvertendo-a e produzindo processos de humanização e autonomia? Estes são alguns dos questionamentos levantados sem a intenção de oferecer respostas

conclusivas.

Conclui afirmando da necessidade de avançarmos para além do debate conceitual e criar condições para práticas efetivas que possam propor ações de alteração do atual cenário em que vivemos a partir da concepção de uma sociedade da pós-verdade.

O artigo teve como método de pesquisa a abordagem bibliográfica pela própria natureza da disciplina proponente valorizando esta metodologia e respeitando o critério do espaço e tempo disponíveis.

2. PÓS-VERDADE: CONCEITO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O termo *pós-verdade* é embrionário. Segundo D'Ancona (2018), em 1992, aparece pela primeira vez na revista americana *The Nation* a partir do Dramaturgo Sérvio - americano Steve Tesich. Para ele, analisando o comportamento do presidente Richard Nixon como também da própria sociedade americana diante do escândalo conhecido como Watergate², nos diz que:

Estamos rapidamente nos tornando protótipos de um povo que os monstros totalitários só podem babar em seus sonhos. Todos os ditadores até agora tiveram que trabalhar duro para suprimir a verdade. Nós, por nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que adquirimos um mecanismo espiritual que pode desnudar a verdade de qualquer significado. De uma forma muito fundamental nós, como um povo livre, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade(Teshich apud D'Ancona, 2018, p.21).

Em 2004, o escritor norte- americano Ralph Keyes, em seu livro *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*, traz uma discussão do termo. Para este,

² Segundo o Wikipedia, O caso Watergate foi o escândalo político ocorrido em meados de 1972 nos Estados Unidos cujas investigações posteriores culminaram com a renúncia, em agosto de 1974, do presidente Richard Nixon, do Partido Republicano. "Watergate", de certo modo, tornou-se um caso paradigmático de corrupção. No total, cerca de 69 pessoas foram indiciadas, com 48 delas — a maioria oficiais do governo Nixon — sendo condenadas pela justiça. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Watergate, acesso em 22/08/2022.

Mesmo embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras têm geralmente sido contadas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um bocado de culpa, um pouco de vergonha, e, pelo menos, alguma timidez. Agora, pessoas inteligentes que somos, apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular sem culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. Vivemos em uma era da pós-verdade. A pós-veracidade existe em uma zona ética crepuscular. Permite-nos dissimularmos sem nos considerarmos desonestos. Quando o nosso comportamento entra em conflito com nossos valores, o que somos mais propensos a fazer é reconhecer nossos valores. Poucos de nós queremos pensar em nós mesmos como sendo antiéticos, muito menos admitir isso para os outros, de modo que desenvolvemos abordagens alternativas da moralidade (Keyes, 2018, p. 20).

Já nesta definição de pós-verdade o autor traça uma diferenciação entre a pós-verdade e as mentiras, entendidas aqui como *fake news*. O diferencial é o modo de aceitação destas, a produção de uma arquitetura comportamental dissimulatória capaz de produzir a sustentação da moralidade falseando a verdade de forma simultânea. A pós-verdade, neste sentido, se revela como modos comportamentais. Cria ambiência para o simulacro da vida cotidiana, alcança desde as instituições até o cidadão comum e assim, ratifica Keyes (2018, p.21) que “ao invés de abrimos as comportas e aceitarmos a mentira como um modo de vida, manipulamos noções de verdade. Nós ‘massageamos’ a veracidade, nós ‘edulcoramos’, contamos a verdade melhorada”.

A partir de 2016, o termo ganha notoriedade, quando o dicionário inglês *Oxford* o elege como palavra do ano. Neste período, houve um aumento de 2.000% na utilização do termo. Complexo, muitas vezes, tido como sinônimo de proliferação de notícias falsas ou “*fakenews*” nas redes sociais, o fenômeno da pós-verdade vai além e se inscreve num ambiente de desprezo pelo conhecimento especializado, negação da ciência e um relativismo simplista. Segundo Priolli (2017), na definição britânica, pós-verdade é um adjetivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais.

O espectro da pós-verdade revela algumas características que nos ajuda em sua compreensão.

Tais sejam:

Negacionismo. Se as emoções passam a ter maior significância do que a

razão uma consequência imediata é o questionamento aleatório do conhecimento mais elaborado. É produzir a negação do conhecimento conhecido ou não, tanto que, Kakutani(2018, p.11) alerta para o fato de que “não só as notícias são falsas: também existe a ciência falsa produzida pelos negacionistas das mudanças climáticas” e outras vertentes desta ciência que ele caracteriza como os “anti-vaxxers” – os ativistas do movimento antivacina, e também a história falsa – daqueles que negam o holocausto e supramacistas brancos. Neste mesmo campo dos cientistas, às avessas, este autor cita os produtores dos perfis falsos de norte-americanos no *facebook* (criados por *trolls* russos) e os seguidores e *likes* falsos nas redes gerados por *bots*. O negacionismo reaparece em força exponencial nesse contexto propondo indiretamente a supervalorização do senso comum transformando tudo numa questão de opinião.

Auto-verdade. Conectada umbilicalmente ao negacionismo, ou, a fonte primária deste, vivemos a era do excesso do eu. As redes sociais, por exemplo, têm apresentado um número crescente de especialistas em tudo a partir desta “emancipação” da auto-verdade. Tudo é transformado em uma questão meramente de opinião ou se ancoram equivocadamente na garantia legal da liberdade de expressão³ inclusive a ciência.

Nos alerta Kakutani(2018) que cogumelos crescem melhor em porões escuros, a desonestade floresce em cenários anônimos” (Keyes , 2018, p. 46), ou ainda, “a web é o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois” (D’Ancona, 2018,p. 55). As redes, neste sentido, têm proporcionado esta ambiência para o fortalecimento da auto-verdade, a verdade ou mentiram não possuem mais nenhuma fronteira o que cria as condições para uma terceira característica, o relativismo, o seu excesso.

Relativismo. Uma sociedade em que se decretou a auto-verdade e o negacionismo como comportamentos naturalizados é “natural” que a ciência, a

³ No artigo 5º da Constituição Federal há a garantia legal deste direito expressa nos incisos IV e IX respectivamente: IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; e IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>, acesso em 22/08/2022.

academia, religião, comportamentos, tudo caia na vala do relativismo já que se trata de uma questão de opinião. Importante destacar que

O relativismo está em ascenção desde o início das guerras culturais, na década de 1960. Naquela época, ele foi abraçado pela Nova Esquerda, ansiosa para expor os preconceitos do pensamento ocidental, burguês e primordialmente masculino; e por acadêmicos que pregavam o evangelho do Pós-modernismo, que argumentava que não existem verdades universais, apenas pequenas verdades pessoais – percepções moldadas pelas forças sociais e culturais de um indivíduo. Desde então, o discurso relativista tem sido usurpado pela direita populista, incluindo os criacionistas e os negacionistas climáticos, que insistem que suas teorias sejam ensinadas junto com as teorias “baseadas na ciência” (Kakutani, 2018, P. 17).

O cidadão comum então, passou a questionar, analisar e emitir uma sentença de verdade para tudo, sem qualquer tipo de constrangimento, por exemplo, sobre os tipos de vacinas que são benéficas ou maléficas e tudo a partir do que venho chamando de “ciência do achismo”³. As redes não realizam o projeto iluminista do esclarecimento, mas vêm sendo utilizadas na promoção de distopias, de deseducação, de difusão do conhecimento banal. Daí, nossa reflexão sobre o que se tem prevalecido na utilização das redes, enquanto habitat de *fake news*, aqui representando o fenômeno da pós- verdade.

Percebe-se também a apropriação maniqueísta das produções de grandes autores do mundo contemporâneo – os “pós- modernos”. As ideias de desconstrução, relatividade e a própria noção de realidade estão se transformando em máquinas de relativismos. Uma quimera diante das intenções reais de autores como Foucault(2019), Derrida (1995). Os novos alquimistas da pós-verdade afirmam: se tudo é possível, o que é falso e o que é verdadeiro?

A pós-verdade é revelada, portanto, a partir de uma sociedade do excesso. Excesso do eu, do negacionismo, da relativização, auto-exposição, inclusive do excesso de informações num processo conhecido como *Firehosing*.⁴

O fenômeno da pós-verdade, caracterizando situações capciosas de modelagem da opinião pública com apelo às emoções e às crenças pessoais, desprezando ou omitindo os fatos configura-se como um novo modo de ser social onde numa crença cega(a partir dos excessos), a ciência e o senso comum emergem como “adversários” em ambientes de comunicação sectárias. Neste sentido,

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia" (D'Ancona, 2018, p.19).

Autores como D'Ancona (2018), Priolli (2017), Tiburi (2017) afirmam inclusive que, o que está em jogo não é uma mera diferenciação entre o que é mentira ou fatos alternativos (*fake news*) e o que pode significar verdade – mas, a disputa por uma narrativa do mundo. O termo pós-verdade revela que esta disputa reflete os modos de ser, estar e viver na sociedade contemporânea, exigindo em primeira instância a compreensão do fenômeno em si – a pós-verdade- para em seguida vislumbrar alternativas de superação dos excessos e promulgação de uma outra narrativa que reorganize o papel das instituições e de cada sujeito social resguardando sua singularidade.

A pós-verdade atua no campo das emoções e assim, o contra-ataque deve atuar rigorosamente no campo não só da racionalidade, mas também com uma forte carga emocional na inteligência. Nos alerta o mesmo autor para o fato de que

Em seu livro *O culto do amador*, publicado originalmente em 2007, o empreendedor do Vale do Silício Andrew Keen fez um alerta para o fato de que a internet havia apenas democratizado a informação de maneira inimaginável, como também estava fazendo com que a 'sabedoria das multidões' tomasse o lugar do conhecimento legítimo, nublando perigosamente os limites entre fato e opinião, entre argumentação embasada e bravata especulativa (Kakutani, 2018, P. 39).

Isto nos conduz a compreender que *fake news* não é sinônimo de pós-verdade de modo objetivo. Em seu sentido literal, *fake news* significa notícia falsa. Neste sentido já se pode afirmar de que não se trata de um fenômeno novo. Falsas notícias ou, para alguns, mentiras, sempre existiram. E o que há de novo em tempos de pós-verdade?

Um cuidado que precisamos ter é sobre os riscos iminentes de banalização do termo. Assim, qualquer boato de redes sociais ou notícias incorretas são postas no mesmo sentido de *fake news*. Então, optamos por uma delimitação do

conceito evitando um debate genérico.

Para se caracterizar numa *fake news* é necessário haver uma intenção objetiva de subverter a verdade dos fatos. É necessário agir com dolo intelectual. Pode-se compreender daí que nem toda pessoa que repassa *fake news* são necessariamente fraudulentas pois, muitas vezes agem sem a intenção de delinquir, mas, pura e simplesmente porque confiam na fonte que lhe transmitiu a informação, geralmente advinda de um amigo próximo, um grupo de família, um *site* que confirma seus pensamentos ou ainda uma pessoa de referência como um professor, médico, líder religioso, advogado ou celebridade popular.

Desta forma, recorro a uma definição conceitual jornalística para referenciar a discussão sobre *fake news*. Assim,

...alguns autores aqui no Brasil têm procurado traduzir o termo “fake news” como “notícias fraudulentas” ou “noticiário fraudulento” em vez de “notícias falsas”. O Carlos Eduardo Lins da Silva [jornalista e pesquisador da Universidade de São Paulo], por exemplo, tem preferido essa terminologia porque considera mais evidente essa intencionalidade de enganar. Dessa forma, seria possível distinguir o fenômeno das *fake news* do exercício do jornalismo tradicional quando esse erra — porque infelizmente o jornalismo também erra e, mesmo os profissionais seguindo métodos muito apurados, podem publicar informação incorreta. (PAGANOTTI, 2018).

A arte da enganação, além de não ser um fato novo também não é um ato relacionado especificamente a uma cultura específica ou nação. A enganação sobre si, por exemplo (KEYES, 2018) não se limita aos tempos contemporâneos e se refere a um desejo intrínseco de parecer melhor do que o real apresenta.

Portanto, neste contexto, *fake news* enquanto a arte da enganação com intenção de burlar a realidade não se restringe a políticos ou aos meios de comunicação. Instituições, personalidades públicas e o cidadão comum estão suscetíveis de produzirem *fake news* porém, desde que se tenha clareza de que nem toda notícia equívoca, nem todo boato ou mentira se caracteriza em *fake news* quando não caracterizado seu dolo.

A partir desta compreensão de pós-verdade e suas características aqui apresentadas, é que as *fake news* (notícias fraudulentas) torna-se sua maior representatividade pois produz desinformação, tensionamentos não reflexivos e alimenta toda uma rede de concepção que difunde e alimenta o negacionismo científico, a cultura do ódio ou destruição de reputações, por exemplo. Elas

atuam para além da racionalidade ou, no campo das emoções. Dito de outra forma,

falsas cadeias de referências e reforçada não pelo da ciência (REF), mas pelo modo religioso (REL). O modo religioso, afirma Latour (2013), é o do reforço da palavra e da crença originários, por repetição (re-ligare, os ritos como volta dos momentos fundadores, do resgate da palavra primeira), em uma determinada forma de criação de mundos. Ele não funciona por cadeias de referência auditáveis no mesmo modo da ciência. Querer provar matematicamente a existência de Deus é confundir modos (REF e REL) e errar na abordagem do modo religioso. Se as FN são baseadas em cadeias falsas, simulando o modo REF, seria fácil evitar os malefícios das FN pois não é complicado apontar os simulacros e os equívocos das referências. Mas como elas não funcionam no modo REF e sim no modo REL, elas são nocivas (LEMOS, 2021).

Lemos(2021) propõe uma análise sobre a operacionalização das *fake news* se ancorando no conceito de cadeias de referência de Latour(2001), ou seja, a criação de critérios específicos de análise que resista ao tempo e seja constante capaz de criar uma referência de análise. Desta razão, a análise sobre *fake news* deve também partir de um referencial de critérios para que nos ofereça condições de estudo de toda uma genealogia e seus impactos nos processos de formação docente.

Importante enfatizar que a atmosfera social das *fake news* tem ampliado seus espaços de atuação exatamente porque não atuam na dimensão da racionalidade, ao contrário, se propalam no vínculo com as emoções, trazidas por Lemos como modo religioso; atuam no campo das crenças pessoais e se fundamenta genuinamente não nos fatos em si mas na personalização de quem apresenta qualquer informação não importando a veracidade do que se diz ou demonstra.

Podem ser as maiores representantes da sociedade da pós-verdade. Se convergem quando ambos atuam no campo das emoções e na tentativa de falsear a realidade, porém, a pós-verdade se amplia quando se trata de comportamentos individuais e coletivos envolvendo excessos de autonomia intelectual e relativização de tudo sem qualquer base ou objeto factual. A pós-verdade chega a significar comportamentos niilistas diante do conhecimento mais sistematizado chegando ao nível de sua aversão. Além disso, um grande diferencial entre as *fake news* e a pós- verdade é que as primeiras têm um

histórico milenar enquanto que a segunda se revela como novidade a partir do modo de aceitação e consumo de notícias fraudulentas onde utopia e distopia já não se tem linhas limítrofes formatando uma sociedade que tem desistido de pensar, de refletir para além do aqui e o agora num processo de compressão do tempo e espaço.

3. AGENCIAMENTOS CONCEITUAIS E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Tomando da botânica o conceito de rizoma, (DELEUZE E GUATARRI, 2011) o traz para um debate epistemológico afirmando que as multiplicidades são rizomáticas. Não tem um “pivô” que sirva de objeto ou que se divida no sujeito. Definem-se pelo “fora”, linhas de abstrações. Seus aportes teóricos nos servem para entender as superfícies onde na verdade todos se encontram, no presencial e no on-line.

A realidade é complexa carecendo, portanto, da necessidade da produção de agenciamentos capazes de estabelecerem conexões com suas variadas dimensões ou de algum objeto específico de estudo conferindo-lhe um sentido sempre provisório nesta compreensão da volatilidade do próprio conhecimento e da vida. O agenciamento proposto vai no sentido de apresentarmos conexões entre os conceitos aqui apresentados sobre pós-verdade e *fake News* e suas implicações embrionárias com a educação.

As temáticas em educação são muito diversas. Destacaremos aqui 3 dimensões: Pedagogias de abordagem decoloniais, processos de emancipação e busca de alternativas de enfrentamento a processos educativos que aprisionam outros saberes e as consciências. Estas alternativas podem se configurar enquanto possibilidades de enfrentamento à sociedade da pós-verdade.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, (Freire, 2017) traz ao debate a necessidade de uma outra pedagogia: a que crie condições para que tanto oprimidos como opressores supere a lógica de opressão, uma pedagogia que dê condições, portanto, para que homens e mulheres, em comunhão, tomem consciência de si e do mundo.

Pedagogia do oprimido se inscreve num contexto em que uma concepção

dialética da pedagogia se faz presente de forma tão voraz que Freire vai enfatizar que uma pedagogia do oprimido não significa em nenhuma hipótese em inverter os polos da estrutura social na lógica de que agora os oprimidos passariam a oprimir os antigos opressores. Ao contrário, a proposição é exatamente a superação da dimensão de opressores e oprimidos pois, embora os opressores muitas vezes não tenham consciência de si, estes também precisam tomar consciência para somente assim superar sua condição.

Outro conceito fundante em Pedagogia do Oprimido é o de diálogo. Sem este não é possível o processo de libertação das massas. No diálogo é que se revelam as inquietações ontológicas de cada ser, se criam as possibilidades reais de cada um dizer a sua palavra. O diálogo é espaço de escuta atenta, revela o ser tanto no ser mais mais (no desejo) quanto no ser menos (na condição atual). O diálogo propõe este espaço para a tomada de consciência. Fora de processos dialógicos só resta o simulacro das relações pessoais, a falsa caridade, a tentativa de libertar os oprimidos dando-lhe prescrições ignorando sua visão de mundo e, portanto, uma falsa libertação transformando-os em verdadeiras massas de manobra. A negação dialógica é a representação fidedigna da morte da pedagogia do oprimido em seus processos de libertação, tomada de consciência e fomento permanente de uma pedagogia dialógica que coloque no palco da história o oprimido segundo o próprio Freire.

Esta compreensão numa sociedade da pós-verdade cria condições para compreender que superar as estruturas de dominação é compreender da necessidade de superar uma lógica hodierna ditada pelos algoritmos onde as sociedades são sectarizadas em bolhas de informações, negando todas as possibilidades do diálogo pois falam pra si próprios alimentando egos e cristalizando ideias apenas daquilo que acreditam.

Numa outra abordagem, o artigo “O difícil caminho da ética na contemporaneidade: uma leitura de Zygmunt Bauman”, Nascimento (2008) constrói uma linha de análise enfatizando a importância da moral e sua contextualização na contemporaneidade.

Para ele, por exemplo, a modernidade é caracterizada, a partir de Habermas (1983), como “um esforço intelectual para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e as leis universais”. A pós-modernidade, por sua vez, caracteriza-se pelo que vem depois da modernidade e não necessariamente no

que lhe é contrário. Neste mesmo sentido, pós-modernidade e contemporaneidade estão no mesmo patamar de significação.

A pós-modernidade é compreendida de forma otimista e, portanto, de forma construtiva em que se espera que este momento histórico tenha a capacidade para superar os mandos autoritários da modernidade fundados na ideia de formulação de constructos teóricos universais suplantando toda forma de existência e epistemologias que pensa e age diferente de modelos universais. Até porque, segundo o autor, esta tentativa de universalização é um projeto falido que nunca se concretizou.

Como resultado desse contexto, a moralidade regulada e vigiada da modernidade através do Estado produziu um ambiente em que o cidadão comum se autoriza em não ter nenhum compromisso com seus deveres morais. Esta desobrigação moral dos indivíduos pode significar o princípio da barbárie. Se não há mais o compromisso com a moral ambivalente de cada um(natural) e ao mesmo tempo não se acredita mais nas instituições, no Estado por exemplo, eis o ambiente perfeito para o que se chama hoje de pós-verdade e também ambiente profícuo para a produção, proliferação e aceitação e consumo de *fake news* pois as linhas limítrofes naturais de uma moral ambivalente foram postas no chão e assim tem-se vivido numa dimensão imediatista suprimindo espaço e tempo decretando a morte da história produzindo um modo de vida quase instintivo. É a morte também da capacidade de pensar, como diria Boaventura de Sousa Santos(2001)⁵, de refletir e, portanto, de sonhar, ter alguma perspectiva de um novo horizonte.

Por sua vez, Dussel(2018) em “La otra historia del império americano. La crisis del colonialismo y de la globalización excluyente” apresenta uma abordagem histórica sobre a construção do império americano e destacamos o aspecto da necessidade de ações contra-hegemônicas, do fortalecimento da autonomia e empoderamento nas lutas que respeitem outros modos de enxergar e viver a vida.

Neste contexto, os EUA foram forjando uma falsa democracia desde sua origem pois nem todos os imigrantes europeus chegados após os primeiros colonos tinham os mesmos direitos pois esta democracia foi erigida de forma elitista e uma pequena minoria se formava uma elite de poder. Primeiro uma elite mercantil, depois financeira e por fim industrial do ponto de vista cronológico e

histórico.

A fotografia apresentada por Dussel é de um Estados Unidos marcadamente constituído de um espírito conservador, mantenedor de privilégios ao longo de toda sua história identificado, dentre outras características, em sufocar todo e qualquer movimento popular de trabalhadores que contestasse a ordem estabelecida criando uma cultura de extermínio de pobres, negros e índigenas, tudo com requintes de crueldade.

A partir do século XX, mais notadamente a partir da primeira guerra mundial e a revolução de 1917 dos comunistas, os EUA se sentiram finalmente ameaçados em seus intentos de serem hegemônicos mundiais e desde então produziram todo tipo de difamação do conceito de comunismo enquanto um mal a ser debelado e cortado suas raízes para não oferecer frutos. Este espírito de hegemonia americano tornou-se patológico.

Creio que já podemos afirmar que uma, senão, a maior *fake News* já produzida no mundo ocidental moderno é a caricatura que se construiu sobre o termo comunismo. Em nome da manutenção da hegemonia dos Estados Unidos, por exemplo, se financiou ditaduras na América Latina através do fantasma do comunismo enquanto um mal que ameaçaria toda sociedade nos bons costumes, preservação da família tradicional; o monstro que tomaria os bens dos cidadãos de bem, comedores de criancinha...a verdadeira representação da perversão social.

Esta *fake News* tem atravessado décadas de existência e ainda possui força capaz de provocar ebulação social mudando resultado de eleições e, tudo em nome da defesa da manutenção de interesses hegemônicos e de cerceamento de qualquer movimento emancipatório de quaisquer sociedades que esteja no raio dos Estados Unidos.

Desta leitura se evidencia a necessidade de um novo olhar fora do pensamento eurocêntrico e norte americano sobre uma nova geopolítica; necessidade de uma nova filosofia de relações com países latinos, africanos, asiáticos mas a partir de um olhar de dentro, pulsando suas alteridades, cultura, necessidades e economias próprias.

Neste sentido, destacamos um conceito importante para o debate sobre a pós-verdade: decolonialidade, direcionando-o especificamente para o campo educacional e, para tanto, recorro aos autores Aníbal Quijano e Catherine Wash

para contribuírem nas reflexões.

Quijano (2009) em seu artigo intitulado “Colonialidade do Poder e Classificação Social” diz que “a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”. Para tanto, faz a distinção entre colonialidade e colonialismo. Este, é caracterizado pelo processo de expansão territorial e exploração de riquezas, controle da autoridade política... enquanto que a colonialidade é bem delimitada a partir das amérias onde é acrescido um elemento fundante que é o racismo enquanto referência de justificação da produção de desigualdade. Para o autor,

Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a, Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controlo da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado (Quijano, 2009, p. 5).

Este processo de colonialidade se expandiu ultrapassando as fronteiras do racismo e ampliando-se para incorporar outros elementos identitários como índios, feminismo, mestiços...mas também as geoculturais do colonialismo como América, Ásia, Oriente...Nesta simbiose do colonialismo com a colonialidade num processo de atender aos anseios do modo capitalista buscando, dentre outras questões uma hegemonia eurocêntrica no campo do pensamento, dominação cultural, política, geográfica, é que se forja o que conhecemos como o mundo moderno.

Dialogando com Quijano, Catharine Wash estabelece relação direta com o conceito de “colonialidade do poder” afirmando que a partir da instalação desta colonialidade é que houve a tentativa explícita de início de um sistema determinista classificatório de uma racionalidade seletiva, uma classificação em superiores e inferiores sendo os primeiros sempre referentes ao modo de pensar, sentir e viver eurocêntrico(o homem branco europeu). Por outro lado, a parte “inferior” classificada como bárbaros ou selvagem dizia respeito a todo modo de vida dos povos autóctones sejam indígenas ou negros e por isso WASH(2017,

p. 6) vai falar que “ hoy, la colonialidad de la naturaliza representa la conjunción de la colonialidad del poder, saber y ser; es la colonialidad de la existência-vida”.

Neste sentido, em seu artigo “Interculturalidad y (de) colonialidad? Gritos, Grietas y siembras Abya Yala”, Wash (2017) apresenta como referencialidade do debate a concepção da “Abya Yala”, significando Terra em plena maturidade na língua dos povos Kuna-Tule que habitaram a região que hoje seria a Colômbia e Panamá. Abya Yala significa, portanto, um posicionamento político ou “es una opinión (no eurocêntrica, no antropocêntrica y no patriarcal), uma opinión com enraizamento territorial em la cual todos los seres formamos parte” (WASH, 2017, p. 2)

Esta concepção de enraizamento com a terra, a cultura, costumes, formas de viver e pensar, suas ancestralidades sinaliza as condições necessárias para pensarmos na construção de outras pedagogias ou de pedagogias fora de um escopo moderno científicas onde estas só possuem existência e significado a partir dos muros das escolas ou da academia. Contestando este entendimento fetichizado e ampliando significativamente a visão do que é pedagógico, LERMA (2017) diz que todos os “procesos de enseñanza-aprendizaje son los que permiten la transmisión de valores culturales, pero también de prácticas de producción y sobrevivencia”. Portanto, são também pedagogias que rompem com uma lógica estagnada em busca da produção de outras epistemologias e outros modos de fazer educação.

A defesa de projetos no Brasil recente como o “escola sem partido” representa muito mais que uma questão de opinião. Significa a disputa de uma narrativa de mundo, de sociedade; a defesa de ações que desestabilizem políticas educacionais emancipatórias como a lei 10.639 e 11.645 bem como a política de cotas nas universidades brasileiras, fazendo parte de um projeto político intencional de fortalecimento da colonialidade do poder. Significa ainda a defesa deste projeto de poder se ancorando neste espectro da pós-verdade numa tentativa de criar um caos epistemológico, confusões conceituais, produção de *fake News* amparados por todo um sistema de poder descendente do colonialismo e da colonialidade.

E assim, na dinâmica capitalista/moderno/colonial, esta, se apropria intencionalmente dos discursos que fazem seu enfrentamento na tentativa de deslegitimá-los, produzindo um caos epistemológico e social, para confundir.

Este é o que pode se chamar de sistema guerra-morte, representando um paradigma de guerra intencional de manutenção do patriarcado, formas de conhecimento e relações sociais; paradigma que, ao fim e ao cabo, pretende dar continuidade ao projeto de eliminação a todos e todas que resistem a estes processos de dominação e “civilização”.

Neste projeto ainda, a mulher passa ser o grande alvo de violência; a violência de seu corpo submetidas a situações de torturas, exploração sexual e morte, simplesmente pelo fato de serem mulheres ou com o agravo de serem mulheres que resistem e lutam pela garantia de ter o direito de viverem a partir de suas visões cosmológicas. O feminicídio neste contexto, vira uma ferramenta principal do capital-patriarcado na manutenção do projeto de colonialidade.

Neste sentido é que Wash, referenciando Paulo Freire, vai tratar sobre pedagogias que abram “grietas” nesse contexto da sociedade moderna/capitalista/colonial/patriarcal. “Grietas” que, além de produzir fissuras no sistema, criem espaços concretos para dizermos nossa palavra. WASH(2017) se posiciona dizendo que os seus gritos, muitas vezes nem ouvidos, são gritos ancestrais, históricos, não sendo resultado da academia ou de algum tipo de conhecimento racionalizado numa perspectiva eurocêntrica mas são gritos que nascem de dores, horror e raiva.

Todos estes sentimentos acrescidos de esperança e desejo de luta é que podem nos conduzir ao estabelecimento de ações, primeiro de compreensão desta sociedade da pós-verdade para em seguida buscar a sua superação não apenas do ponto de vista conceitual mas através de ações pedagógicas que tenham condições de superar o academicismo e construir pedagogias originais ou originárias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer para a ordem do dia o debate sobre pós-verdade é enxergar nas fissurais sociais, históricas e epistemológicas as condições para discutir o cotidiano na sociedade contemporânea em suas variadas dimensões, sejam políticas, culturais, sociais, educacionais; é discutir quais narrativas de mundo estão em jogo num xadrez aparentemente simplório mas que esconde intenções fulcrais de manutenção de uma ordem hegemônica de uma sociedade

moderna/capitalista, colonial e colonialista/machista com intenções de perenidade de poder.

O prefixo “pós” não significa que veio depois de; neste caso, da verdade. Significa que hoje a busca desta tem perdido o significado num espetáculo de relativismos em que as opiniões pessoais se insurgem como verdadeiros compêndios de autoridade e autoritarismo numa exacerbação do eu produzindo auto-verdades e inviabilizando quaisquer possibilidades dialógicas. Neste contexto, a ciência, academia, escola, os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, saberes ancestrais são peremptoriamente ignorados, colocados em cheque não por uma intenção salutar do questionamento criativo, curioso, do ponto de vista gnosiológico, mas são questionados na intenção vil de delinquir a verdade, falsear a realidade em processos concretos de enganação para atingir determinados fins de manutenção de poder.

As *fake News* representam apenas uma face da pós-verdade. Não sendo fenômeno novo, aparecem como novidade a capacidade de alcançar um maior número de pessoas simultaneamente e seu modo de consumo, socialização e aceitação. Atuam no campo das emoções fortalecendo as intenções, ideias e instintos imanentes em cada indivíduo produzindo bolhas sociais representativas deste modo de ser na pós-verdade: o sectarismo intelectual.

O debate se alarga no campo educacional a partir do momento em que as instituições educacionais estão na berlinda necessitando de um novo olhar capaz não só de estabelecer alterações curriculares acadêmicas mas de propor pedagogias que dialoguem ou produzam agenciamentos conceituais com outros campos do conviver social desde o evidenciamento da importância das bandeiras identitárias como a luta racial, lgbtqia+, feminismo, mas também que estabeleça um diálogo profícuo sobre processos de decolonialidade que mergulhe em nossas raízes históricas e ancestrais criando as condições basilares de construção de outras pedagogias.

As “grietas” e frestas significam a construção de pedagogias fundadas numa dialógica que valorize os povos autóctones, a cultura, os saberes, a autonomia, formas de viver e pensar singulares retroalimentando a diversidade, o respeito, tolerância com o diferente contrariando a lógica perversa da pós-verdade pautada nos excessos, na negação, no individualismo, auto-exposição

e na auto-verdade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>, acesso em 22/08/2022.

D' ANCONA, M. **Pó-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. SZLAK (Trad). 1 Ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, Vol.1; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011(2ª Edição).

DERRIDA, J. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971 (e reedições); Brasília: Editora UnB, 1995 (e reedições).

DIPLOMATIQUE, Le Monde. **Firehosing: a estratégia de disseminação de mentiras usada como propaganda política**. Disponível em <https://diplomatique.org.br/tv/firehosing-a-estrategia-de-disseminacao-de-mentiras-usada-como-propaganda-politica/>, acesso em 18/08/2022.

DUSSEL. E. LA OTRA HISTORIA DEL IMPERIO AMERICANO: la crisis del colonialismo y de la globalización excluyente. In: **DIPLOMADO INTERNACIONAL LA OUTRA POLÍTICA**. Secretaría de Educación, Formación y Capacitación Política. México, 2018, p.17- 65.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo. Paz e Terra: 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2019.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Tradução André Czarnobai; Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 272, p.;18cm.

KEYES, R. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

KRITNER, R. **Pós-verdade e suas consequências: o que um ensaio de 25 anos nos diz sobre o momento atual.** Disponível em: https://www.thenation.com.translate.goog/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc, acesso em 20/07/2022.

LEMOS, A. **Fake news e cadeias de referência. A desinformação sobre Covid-19 e o projeto de verificação do Facebook.** Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22592>, V.23, N. 2, 2021. Acesso em 3 out. 2021.

LERMAS, B. R. L. **Pedagogías para la vida, la alegría y la re-existencia Pedagogías de mujeres negras que curan y vinculan**, in. Pedagogías decoloniales Prácticas insurgentes de resis; Tomo II: Serie Pensamiento decolonial. Ediciones Abya-Yala - Quito-Ecuador, 2017.

NASCIMENTO, A. D. O difícil caminho da ética na contemporaneidade: uma leitura de Zigmunt Bauman. In: PALMEIRA, M. J. de O.; ROSEIRA, N. A. F. (orgs). **Educação e democracia:** fundamentos teóricos para uma abordagem dos valores. Salvador: EDUNEB, 2008; 290p.

PAGANOTTI, I. **Fake News são notícias fraudulentas.** Disponível em <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/fake-news-sao-noticias-fraudulentas>, , acesso em 21/07/2022.

PRIOLLI, G. **A era da pós-verdade**, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade>. Acesso em: 15 maio 2018.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social** In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. 2009.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social.** Porto Alegre: Sulina, 2015. 182p. (Coleção Cibercultura).

SANTOS, B. de S. **Por que pensar?** Disponível em http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Porque%20pensar_Lua%20Nove_2001.pdf. Acesso em 17/08/2022.

TIBURI, M. Pós-verdade, pós- ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In. DUNKER, Christian et.al. **Ética e pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017.

WALSH, C. Interculturalidad y (de) colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. In: GARCIA DINIZ, A. et. al (orgs.). **Poética e política da linguagem em vias de descolonização**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores: 2017. p. 19 - 53.

WIKIPEDIA, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Watergate, acesso em 22/08/2022.